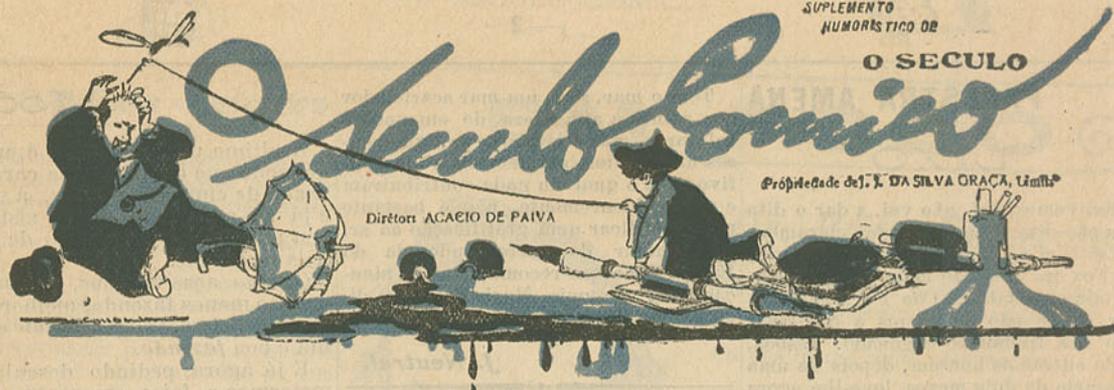


SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SECULO

Propriedade de J. DA SILVA ORAÇA, Lda

Director: AGACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 48, — Lisboa

O novo alto comissario



— Será d'esta?

— Pois só vendo é que eu acredito.

(O leitor, se calhar, pensa tambem assim).



PALESTRA AMENA

LIXO

Estivemos, vai não vai, a dar o dito por não dito. Dissémos aqui claramente, se bem nos lembra, que a Figueira da Foz era a cidade mais imunda (materialmente falando) de Portugal, mas por pouco não chegámos a confessar que nos tínhamos enganado. Lisboa, onde entrámos hontem, depois de uma ausencia de dois mezes, leva-lhe agora a palma n'esse particular, como em muitos outros, achando-se as ruas convertidas em vastas montureiras. Pois sim, mas este estado de porcaria é devido, na capital, a uma grêve de varredores da Camara Municipal, e, por consequencia, constitue um incidente passageiro, emquanto que na Figueira da Foz é um facto permanente e provem d'um desleixo que não tem desculpa nenhuma; tal observação atenuou consideravelmente a impressão de benevolencia que sentimos para com a referida praia, ao deparar-se-nos o repugnante espectáculo a que aludimos e que esteve prestes a exteriorisar-se em desculpas pelo mal que d'aquella havíamos dito. Atenuou e fe-la desaparecer completamente, depois d'alguns minutos de reflexão e de termos recebido pelo correio um amavel escrito do carteiro que distribuia a correspondencia no Bairro Novo e que resava assim: «O distribuidor agradece muito a lembrança que teve para com ele em recompensa do seu servisso».

Leram? Se não é um primor de ortografia (nem tal era de esperar ou de censurar) é um primor de ironia, porque (aqui nos penitenciamos humildemente) não nos esportulámos para com tal individuo e ingenuamente imaginámos que não nos tinha prestado serviço algum, ou antes, que os que por ventura nos prestára lh'os pagava o Estado, habilitado com o produto de varias contribuições que gostosamente satisfazemos nos prazos proprios. Foi, como contámos, quando o lixo amontoado em Lisboa, por motivo da grêve, e na Figueira da Foz, por motivos que não descortinamos, nos absorvia a atenção, que o bilhetinho do homem nos veio parar a casa, e na verdade vos dizemos que é necessario que um ano passe por cima d'estas tristes recordações para que consigamos convencer-nos de que a linda bafa da Figueira resgata todos os pecados dos seus habitantes e outros exploradores de ocasião, ou sejam: — a falta d'agua, por desarraunjos na canalisação, ha muito previstos — a falta de iluminação publica — o alugner escandaloso das casas mobiladas como pocilgas — as «variedades» do Casino Peninsular, com uma espanhola de mãos aleijadas e duas outras miando como gatas assanhadas — os preços fabulosos dos generos — a insolencia das peixeiras — a mendicidade repugnante nas ruas e na praia — as touradas com o refugio das manadas da Golegã — etc. etc.

Tem o mar, sim, um mar acariciador que satura a atmosfera de emanações saltares, mas é bom que os figueirenses não confiem em demasia n'um atractivo para o qual em nada contribuíram e que, evidentemente, não é bastante para justificar uma gratificação ao sr. distribuidor da correspondencia do Bairro Novo, que recomendamos á atenção do sr. Antonio Maria da Silva, director geral dos correios e telegrafos.

J. Neutral.

A republica de Carnaro

Lá está presidente da Republica, sem ter tido trabalho de maior — o de eleger-se a si proprio, unicamente — o illustre autor da «Nave», Gabriel de d'Annunzio.

Falamos ha dias com um viajante que atravessou os estados do famoso poeta e contou-nos lindas coisas, que verificou. Assim, o ministerio de Carnaro tem as seguintes pastas: da «Redondilha», do «Alexandrino», do «Verso heroico», etc. O ministro do trabalho de lá é ministro do «Pé quebrado».

Gabriel poucas vezes sai do palacio mas quando sai não é de automovel, como o sr. Antonio José d'Almeida: é no Pégaso, que conserva ainda as competentes azas, mas que, felizmente para o chefe do Estado, não «avôa». Ha um conselho supremo composto, imaginem por quem? Pelas nove Musas, que resolvem, em ultima instancia, as questões complicadas da Republica,



que não faltam, como uma que ha pouco se levantou e que por pouco não levon o paiz a uma revolução: nem mais nem menos do que uma «grêve» de sonetistas, porque Gabriel de d'Annunzio queria á fina força que nunca mais fizessem sonetos senão de estrambote!

Mais coisas presencio o viajante, tais como o enforcamento d'um gazetillheiro que tinha errado dois versos n'uma decima — decima que, por isso, foi considerada relaxada — e outras de menor importancia, e que nos fazem invejar a nova republica, contraste da nossa, onde o cavallo do inspirado José Maria Sevilha foi alvo d'um ignobil achinchamento.

A Carnaro, poetas portugueses!

Modas

A ultima moda em veus é usa-los de modo que cubram meia cara, contardo de cima para baixo, á moira e já se anunciam novos sistemas: veu para tapar um quarto de cara, dois terços etc.

Quanto aos vestidos, já sabem: quanto menos fazenda, melhor — o que é delicioso, principalmente se a dama é boa fazenda.

E já agora, pedindo desculpa de metermos a foice em ceara alheia parece-nos que as ultimas criações mundanas não apresentam gran-



de variedade, nem, por consequencia delectam muito, visto que o que delecta não é o nú, mas a variedade como dizia Horacio. Efectivamente, que vemos? Gambias nus, do meio da coxa para baixo e bustos igualmente nus, da cintura para cima, isto é, uma monotonia desagradabilissima.

Ora então, não poderiam as damas alternar, aparecendo umas vezes descobertas nas partes que actualmente o estão, e outras vezes nas partes que ora trazem ocultas, isto é, na região limitada em cima pela cintura e em baixo pelo meio da coxa?

— Que indecencia! dirão varias meninas que conhecemos, sem se lembrarem de que a vista do homem em breve estaria saciada e que o pudor é convencional, e tanto que se lhes dissermos que não tem vergonha nenhuma mostrando o que mostram, ficariam admiradissimas!

Caramba!

Continuam os jornais espanhois a fazer muita troça de nós e a chamarnos o paiz de «las revoluciones», ao mesmo tempo que os telegramas nos dão noticia de terem rebentado em Madrid, no dia 2, oito petardos, mais dois na Corunha e de se ter travado um combate, a tiro, em Bilbao, entre dois grupos de operarios, intervindo a guarda civil, cujo capitão ficou gravemente ferido e em que houve mais desgraças pessoais.

Pois então a Espanha ficará sendo conhecida por paiz «de los petardos» se dão licença.



Continua a «costureira»

Ainda a respeito da «costureira», que levou meia Lisboa ao marco postal do Chiado, recebemos as seguintes cartas:

«Sr. redactor.

«Tambem chegou a esta modesta povoação o «espírito, alma penada», ou como lhe queiram chamar, que anda em peregrinação pelo país, mas aqui manifestou-se, não imitando o som d'uma maquina de costura, mas outros sons conhecidos e normais.

«A primeira pessoa que ouviu a dita aventesma, ou lá o que seja, foi o sr. prior d'esta freguezia, uma noite d'estas. O fenomeno deu-se no quarto da criada do mesmo sr. prior, não longe do quarto do amo, seriam umas duas horas da madrugada. Primeiro, o sr. prior acordou sobresaltado, parecendo-lhe ter ouvido espirrar fortemente tres vezes nos aposentos da moça, espirros que não podiam ser atribuidos a esta, que espirra de soprano quando eles eram de barítono. Levantou-se imediatamente o sr. prior, ao mesmo tempo que perguntava — Estão aí ladrões? quando um estrondo, que parecia o d'uma besta a galope se fez ouvir distintamente. D'ali a segundos o sr. prior entrava no quarto de onde haviam saído os ruídos e — extraordinario caso! — a rapariga dormia a sono solto! Acordada, declarou que nada tinha ouvido!

«Sr. redactor: estes factos repetiram-se á mesma hora dias depois e



para eles onso chamar a atenção das pessoas iniciadas nos misterios do «A'lém», pedindo desculpa de lhe ter tomado tanto espaço. Sou com consideração

Mt.º at.º vend.or obrig.do

Constante leitor».

«Sr. redactor do «Seculo Comico».

«Sou (posto que me esteja mal dizer) um espirito forte e tenho-me rido a valer com a tal «costureira», que me parecia uma invenção ratona d'algun pandego bem humorado. Hoje, porém, dou as mãos á palmatoria, porque eu proprio ouvi em casa d'um visinho meu, que tem uma filha aluna de musica no Conservatorio, no curso de piano, o ruído que faz uma maquina de costura quando está em movimento.

EM FOCO



Dr. Brito Camacho

*Pois vamos ter os mares de permeio,
Pois vai abandonar-nos qualquer dia,
Era falso o que d'ele se dizia,
Eu vos juro e rejuro sem receio.*

*Não é um figurino, é mesmo feio,
Mas quanto á decantada porcaria
Tomara muita dama de valia
Chegar-lhe aos calcanhares quanto a asseio.*

*E' uma antiga pecha portuguesa
Julgar-se alguém muitissimo engraçado,
Por inventar assim uma baixeza.*

*E afinal quanta vez, por triste fado,
O inventor que é por fóra uma beleza,
E' mais porco por dentro, que um cevado!*

BELMIRO

«Achava-me de visita em casa do mencionado amigo e este, que tem a mania de querer que a filha exhiba as suas habilidades musicais, ordenou-lhe que se sentasse ao piano e tocasse um trechosinho de opera: — Olha, disse ele, toca o «Pirilau».

«A pequena sentou-se, abriu o instrumento, poitou os dedos nas teclas, e, com justificadissimo assombro da minha parte, em vez de se ouvirem os sons proprios d'um piano começaram a ouvir-se, provenientes do dito instrumento, os ruídos d'uma maquina «Singer». A ilusão era perfeita, mas o mais extraordinario é que perguntando eu ao dono da casa e á joven pianista se não estavam ouvindo a dita maquina, eles mostraram-se muito surpreendidos e responderam que não achavam que os sons do piano fossem diferentes dos costumados e que este era de excelente autor — tanto que tinha custado 25\$000 réis antes da guerra e já davam por ele 50\$000 réis.

«Rendo-me, pois. A «costureira é um facto e quem n'ela não acreditar é porque está obsecado.

«Se v. entender que deve publicar estas revelações muito obsequieia o

velho leitor

Zeferino R. R. Mexelhão».

Memorias das atrizes

Não sabemos se já tem notado que as atrizes tem excelente memoria e enfermam da inocente mania de mostrar que a tem, publicando em livro o que com elas se passou em meninas e moças. A nossa Mercedes teve um grande exito de livraria quando nos deu as suas «Memorias», a nossa sandosa Pepa está em vespéras de

nos fazer identico mimo, etc. Temos lido as obras com a atenção que as autoras nos merecem, temos ficado encantados com muitas, mas em todas achamos uma falha, tanto mais de extranhar quanto particularmente conhecemos os apontamentos de que algumas se tem servido e que não reproduzem completamente. De certa atriz, hoje cincoenta e retirada de scena, porque os fados a levaram a caminho mais rendoso, lêmos nós um «Diario» manuscrito, o qual, segundo nos disse, lhe serviria precisamente de base a um livro de «Memorias», que, já agora não publicará. Recordamos de ter visto o se-



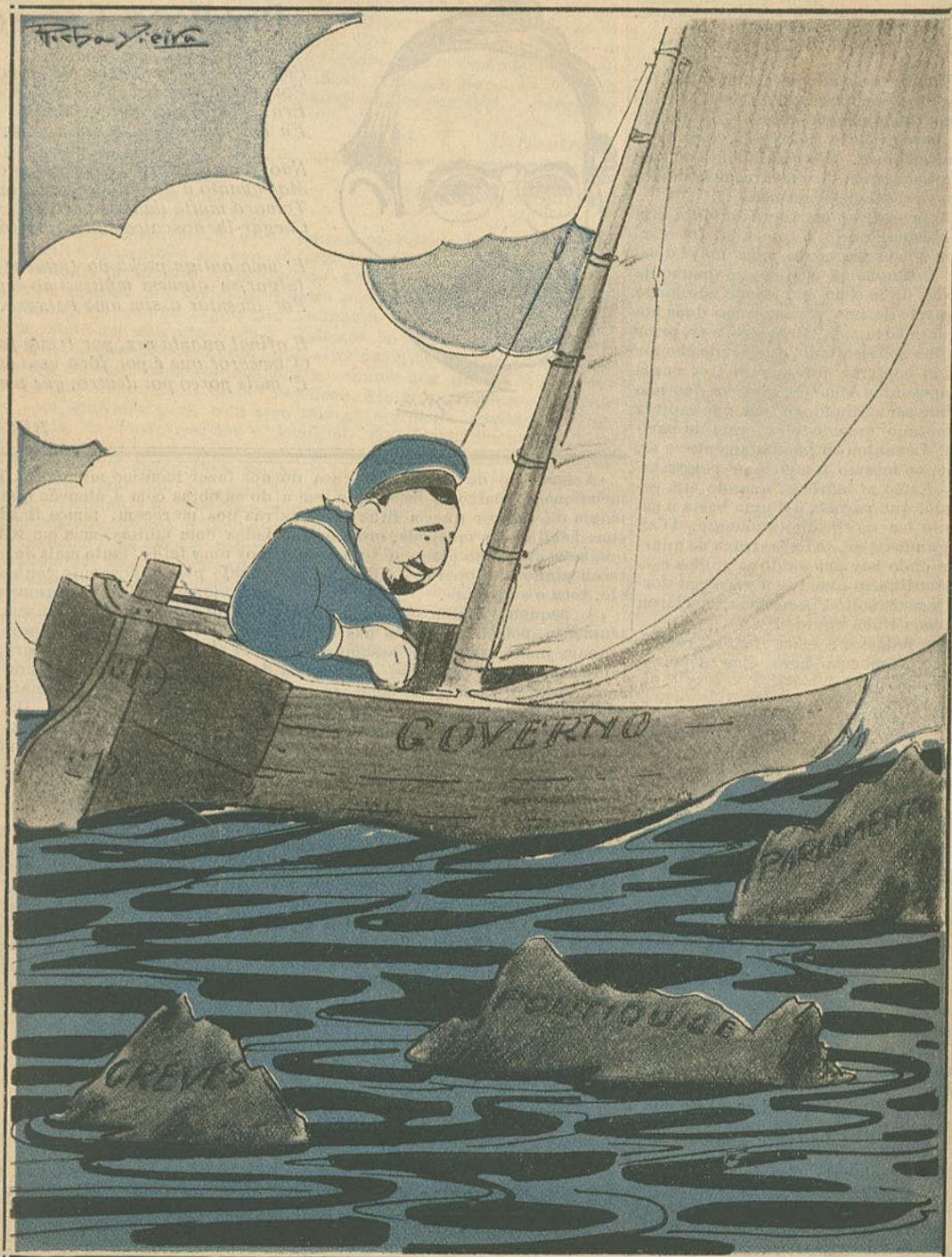
guinte, pouco mais ou menos, no referido diario:

3 de Dezembro	— 4 (a)
5 »	— 2 (a)
7 »	— 3 (a)
20 »	— 60\$000 rs. (a)
27 »	— Uma cruz de brilhantes, em troca de x x (a)
	Ano de 1885—926 (a)
	Ano de 1897—1350 (a)

Não percebemos que especie de estatística era esta, mas reparámos em que nas paginas onde havia o sinal «(a)», se lia em nota:

«Isto não se publica».
Que seria? Por mais que nos digam, as maganas guardam o melhor para si.

O catraio governamental



Será milagre se não encalhar. Os escolhos sucedem-se e assim será mais um catraio que vai á vela... para o fundo.